

Fabulação na formação docente: Ser e estar professor

Fabulation in teacher education: Being a teacher

Fabulación en la formación docente: Ser y estar professor

Carolina Ramos Nunes

Programa de Pós Graduação em Artes Visuais /
Universidade do Estado de Santa Catarina
E-mail: c.nunesra@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-6847-4603>

Elaine Schmidlin

Programa de Pós Graduação em Artes Visuais /
Universidade do Estado de Santa Catarina
E-mail: s.elaine@gmail.com
ORCID: <https://orcid.org/0000-0002-7478-1781>

RESUMO:

Como *Alice no País das Maravilhas* (Lewis Carroll), a escrita deste texto convida a arriscar-se por [entre] figuras de linguagem e roteiros fabuladores. Em uma conversa infundável, o texto permeia a invenção para pensar a formação de professores em Artes Visuais, não como representação, mas como uma construção que, longe de um modelo, vislumbra arriscar-se. As histórias ficcionais, transitando entre arte e filosofia, com suas figuras e conceitos, arrastam intensivamente as identidades representacionais presentes na formação docente, aproximando ideias sobre o sentido *ser e estar professor*. Essa relação paradoxal apresenta-se como uma problemática para a pesquisa que, potencializada pela fabulação e o acontecimento, deseja romper com o primado da utopia representacional que está presente nas formações docentes.

NUNES, Carolina Ramos; SCHMIDLIN, Elaine. **Fabulação na formação docente: Ser e estar professor**

PÓS:Revista do Programa de Pós-graduação em Artes da EBA/UFMG. v. 11, n. 23, set-dez. 2021
Disponível em <<https://eba.ufmg.br/revistapos>>

Palavras-chave: *Fabulação. Formação docente. Artes Visuais. Acontecimento.*

ABSTRACT:

Like *Alice in Wonderland* (Lewis Carroll), the writing of this text invites you to take a risk by the rabbit hole by [among] figures of speech and fabulous scripts. In an endless conversation, the text permeates the invention to think about the formation of teachers in Visual Arts, not as representation, but as a construction that, far from being a model, envisions taking risks. The fictional stories, moving between art and philosophy, with their figures and concepts, intensively drag the representational identities present in teacher education, bringing together ideas about the meaning of *being* and *staying* a teacher.

This paradoxical relationship presents itself as a problem for research that, enhanced by the fable and the event, wishes to break with the primacy of the representational utopia, which is present in teacher education.

Keywords: *Fabulation. Teacher education. Visual Arts. Event.*

RESUMEN:

Como Alicia en el país de las maravillas (Lewis Carroll), la redacción de este texto invita a arriesgarse [entre] figuras del habla y guiones fabulosos. En una conversación interminable, el texto impregna la invención de pensar en la formación del profesorado en Artes Visuales, no como representación, sino como una construcción que, lejos de ser un modelo, vislumbra asumir riesgos. Los relatos de ficción, que se mueven entre el arte y la filosofía, con sus figuras y conceptos, arrastran intensamente las identidades representacionales presentes en la formación del profesorado, reuniendo ideas sobre el significado de ser y estar profesor. Esta relación paradójica se presenta como un problema de investigación que, potenciada por la fábula y el acontecimiento, quiere romper con el primado de la utopía representacional presente en las formaciones docentes.

Palabras clave: *Fabulación. Formación del profesorado. Artes visuales. Evento.*

Artigo recebido em: 30/03/2021
Artigo aprovado em: 24/09/2021

Introdução

A pesquisa, ora em andamento, equilibra-se em uma linha de fuga, em que o texto aborda a formação docente em Artes Visuais com certa desconfiança, problematizando as suas representações para encontrar outros sentidos à docência. Com esse modo de encarar a formação, a escrita – como diria Gilles Deleuze (2011, p. 13) – está ao lado do informe, do inacabamento que não atinge uma única forma. Dessa maneira, serve como pretexto para pensar aquela formação, não como representação de um modelo, mas como uma construção que vislumbra arriscar-se, tal qual Alice, quando se aventura entrando na toca do coelho.

Assim, a escrita em fabulação apresenta uma personagem, porta-voz de uma língua menor¹, que transita entre vizinhanças, narrando histórias ficcionais, não aportando nem na arte nem na filosofia. Isso possibilita conversas em um plano pré-filosófico, em que a arte e a filosofia transitam, com suas figuras e conceitos, para que se possa, a partir delas, pinçar linhas de força para outros modos de ser/estar docente.

Para tanto, algumas potencialidades se aproximam, entre elas, a arte, a filosofia, o sentido de ser professor e o estar professor, além da fabulação como força que pode arrastar intensivamente as identidades representacionais presentes na formação em Artes Visuais. Gilles Deleuze – como filósofo do pensamento sem imagens – diz que “o primado da identidade, seja qual for a maneira pela qual esta é concebida, define o mundo da representação”. Em contrapartida, “o pensamento moderno nasce da falência da representação, assim como da perda das identidades e da descoberta de todas as forças que agem sob o idêntico. O mundo moderno é o dos simulacros” (DELEUZE, 2016, p. 15).

Por essa razão, o ser professor pode indicar um estado permanente, posição pétreia identitária que se adquire com alguns anos passados na academia. Por outro lado, o estar professor pode desencadear inimagináveis formas que desmontam convicções potencializadas pelas forças no exercício da fabulação. Assim, a fabulação será a narrativa que atravessa a realidade e a ficção, criando (ou desejando criar) uma ruptura em quem, corajosamente, percorrer essas linhas, na busca pelo acontecimento que dela decorre.

Para Deleuze, o tempo do acontecimento é da ordem do Aion², indivisível, contendo nele passados e futuros ilimitados, criando superfícies e não profundidades.

O brilho, o esplendor do acontecimento, é o sentido. O acontecimento não é o que acontece (acidente), ele é no que acontece o puro expresso que nos dá sinal e nos espera. [...] ele é o que deve ser compreendido, o que deve ser querido, o que deve ser representado no que acontece (DELEUZE, 2003, p. 152).

É na superfície que as linhas de força das singularidades são tencionadas, gerando acontecimentos que em si são paradoxais, divisões infinitas, que “não consiste absolutamente em seguir a outra direção, mas em mostrar que o sentido toma sempre dois sentidos ao mesmo tempo, em duas direções aos mesmo tempo” (DELEUZE, 2003, p. 79).

Assim, pensar a formação *com* Deleuze seria pensá-la como uma potência paradoxal, com infinitas variações em um trânsito constante. Entretanto, para que isso ocorra, é necessário questionar: Como romper com as amarras institucionais representativas da formação docente em seus fundamentos e transitar pela superfície do acontecimento e da fabulação? Como potencializar a vida e a arte e fugir das representações e das cristalizações recorrentes no modo de constituir-se docente? Estas são as perguntas que dão partida à máquina de guerra que se constitui em pensar *com* a filosofia, *com* a arte e *com* a formação em Artes Visuais.

Como premissa, esta pesquisa acredita que é possível pensar a potência da fabulação na formação docente como possibilidade de criar outros modos de ser/estar professor: *ser*, como uma posição pétrea identitária adquirida dentro do espaço da academia enquanto representação, até seu paradoxo *estar*, que consiste no movimento contínuo de (des)territorialização, enquanto professor em metamorfose, ou seja, enquanto uma “forma – em – ação”. Esses modos docentes são atravessados pela potência narrativa de Alice, que atravessa não só o *País das Maravilhas* de Lewis Carroll, mas a superfície da escrita a seguir.

1 Fabulando com Alice

Alice, enquanto uma exploradora de um universo novo, ao adentrar na toca de um coelho, vivencia as relações entre *ser* e *estar* nesse lugar junto de outros personagens que a encontram no percurso: “No instante seguinte, lá estava Alice se enfiando atrás dele, sem nem pensar de que jeito conseguiria sair depois” (CARROLL, 2009, p. 14).

Ao entrar na toca do coelho em uma infinita queda, o tempo passa do cronológico para outra ordem; ousa-se dizer que passamos para o tempo Aion. O primeiro encontro-embate de Alice foi com um camundongo, o qual ela ignora em singularidade, praticamente atacando-o ao falar de sua gata Dinah, caçadora ávida, ou de um cachorro exímio exterminador do mesmo. Alice, nesse momento, não compreende o afastamento e repulsa do camundongo, pois ainda estava em processo de ser Alice.

Mais adiante, durante seu percurso (depois de diminuir e aumentar), ela descobre que não é mais a mesma. Isso é perceptível nas relações quando encontra a Lebre de Março e o Chapeleiro, e ambos estabelecem com a garota a mesma relação que ela teve com o camundongo. Inquieta sobre quem é, o marco de passar do *ser* para o *estar* se dá no encontro com a lagarta e com o gato que ri, apresentando-lhe possibilidades em névoas: *estar* Alice.

— Quem é você? — perguntou a Lagarta.

Não foi um começo de conversa muito animador. Alice, meio encabulada, respondeu: — “Eu... eu mal sei, Sir, neste exato momento... pelo menos sei quem eu *era* quando me levantei esta manhã, mas acho que já passei por várias mudanças desde então” (CARROLL, 2009, p. 55).

Quando a garota volta ao mundo cronológico, já não é mais a mesma, mas a história dela, narrada em breves momentos para sua irmã, reverbera-se em outros movimentos.

A personagem Alice apresenta os muitos modos possíveis de se conhecer um novo lugar. Explorar é um deles. Observar também é uma opção tentadora, porém, de certo modo, um pouco mais passiva que o esperado. Poderia citar também os verbos *olhar, analisar, percorrer, investigar, navegar, viajar, estudar, examinar* e até mesmo *procurar*, mesmo que o objeto do encontro ainda esteja em névoa, ainda por vir.

Não é confortável nenhuma dessas aproximações com o novo. Alice também não pareceu se contentar com apenas observar o percurso percorrido pelo coelho de casaco. Parecem enclausuradas em linhas escritas por outros, outras vozes que atravessam, mas que não pertencem. (E deveriam pertencer a alguém?)

O outro, o novo (seja lá como se pretende chamar aquilo que é o mais distante de si no momento da procura) é sempre uma relação sua para com o distante. Nesse caso, não seria justo com o objeto-imaginado-distante-pesquisado-descoberto-inovado o emprego de todos os verbos citados anteriormente.

Arriscar-se seria um verbo indicativo interessante, para não dizer conveniente e também ousado, em percorrer este processo de pesquisa. *Arrisca-se*, então, a fabular um outro modo de *estar* docente.

Portanto, *como* Alice no País das Maravilhas, escreve-se em um devir-mulher que se encontra em uma vizinhança imprevista com aquela personagem. A personagem Alice atravessa a escrita como uma figura que entra em outros espaços, de modo a trazer o acontecimento que se prolifera na escrita de Lewis Carroll.

A partir dessa proposição, desenrolam-se criações de narrativas com professores de Artes Visuais, sendo que cada um poderá experimentar o *ser/estar* Alice em percurso.

2 Ser e estar professor

Fabulação é a narrativa que atravessa a realidade e a ficção, criando, neste trabalho, uma ruptura em representações docentes. Em uma entrevista concedida em 1990, Gilles Deleuze afirmou:

Os maiores artistas (de modo algum artistas populistas) apelam para um povo, e constatam que o “povo falta”: Mallarmé, Rimbaud, Klee, Berg. [...] O artista não pode senão apelar para um povo, ele tem necessidade dele no mais profundo de seu empreendimento, não cabe a ele criá-lo e nem o poderia. A arte é o que resiste: ela resiste à morte, à servidão, à infâmia, à vergonha. Mas o povo não pode se ocupar da arte. Como poderia criar para si e criar a si próprio em meio a abomináveis sofrimentos? Quando um povo se cria, é por seus próprios meios, mas de maneira a reencontrar algo da arte [...] ou de maneira que a arte reencontre o que lhe faltava. A utopia não é bom conceito: há antes uma “fabulação” comum ao povo e à arte (DELEUZE, 1992, p. 214-215).

A narrativa da ficção sob a ótica da fabulação incorpora uma experimentação no real, em que a personagem Alice, em devir-outro, torna-se metamorfose de uma professora que, agora, se encontra no outro lado do universo, vizinha de si mesma, percebendo-se, ao mesmo tempo, como *ser/estar professora*. Essa experimentação abre um confronto do presente com o passado (entre o ser e o estar), uma vez que o mundo é o produto de uma história complexa de acontecimentos que moldaram e continuam moldando o presente. Enquanto o *ser professor* indica um estado permanente, posição pétrea que se adquire com alguns anos passados na academia, o *estar professor* pode ser o desencadeamento de inimagináveis formas que desmontam convicções pelas forças exercidas com a fabulação, que reconfigura o passado no momento presente, gerando transformações em potencial.

Enquanto o *ser professor* fecha percursos e define uma formação em uma forma a partir de um horizonte-limite feito de memórias cristalizadas sobre os professores que tivemos (sedi-mentados por teorias que, de maleáveis, passam a ser estruturas rígidas e impermeáveis), o *estar professor* abre-se ao acontecimento, em uma constante instável, a devires infinitos. Para Deleuze (2011, p. 11),

devir não é atingir uma forma (identificação, imitação, Mimese), mas encontrar a zona de vizinhança, de indiscernibilidade ou de indiferenciação tal que não seja possível distinguir-se de *uma* mulher, de *um* animal ou de *uma* molécula: não imprecisos nem gerais, mas imprevistos, não preexistentes, tanto menos determinados numa forma quanto se singularizam numa população.

3 Uma Alice fora do *País das Maravilhas*

Em um bairro pequeno e não muito sofisticado, em que as ruas demarcam o começo e o fim da vizinhança com outros estados de espírito, encontra-se Alice. Ela conta que, no toque intenso entre o metal e o vidro, o universo se expandiu e, ali, estava a ruptura *alephical*^β tão esperada por ela. Já era sabido que o instante estava próximo, mas era incalculável, ela o sabia. Nesse lugar, professores de todas as áreas haviam se juntado na procura de evitar o tamanho caos que os aguardava. Seja nas áreas de ciências exatas, como nas biológicas e até entre as humanas, nenhum prospecto diferente surgira. Estávamos à beira de um colapso eminente.

Em uma mesa cercada por copos com um líquido de cheiro acre e tonalidade escura, os olhares eram distantes e apreensivos. “Beba-me”, dizia no rótulo do copo apoiado sobre a mesa, mas Alice não iria fazer isso, assim, às pressas. A sensação de derrota era palpável por qualquer um que adentrasse no recinto naquele instante. Cérebros que guardavam o conhecimento de eras agora estavam impotentes.

A capacidade de previsão do evento não lhes facilitou, em nada, a vida. Saber dos tempos instáveis que estariam por vir não fornecia ânimo extra, a não ser com a inútil ideia recorrente de impedir o óbvio.

O tempo, ali, já havia deixado de ser contabilizado há muito, e não havia instabilidade no universo que os faria desistir da empreitada, que mais parecia um enigma do que uma fatalidade, como quando Alice se aventurou na toca do coelho. Ela entrou pela sala tensa, pegou um copo e bebeu, pois não parecia ser veneno. Desde o vão da entrada, já presenciava o ponto infinitesimal chegando. Pegou uma cadeira e deixou o corpo acomodar-se desconfortavelmente na superfície lisa.

E assim, por horas, dias ou qualquer menção temporal que lhes fosse conveniente usar para a situação, ficou Alice com eles. Ao fim, chegaram a um consenso: dividir-se-iam pelo espaço, cada qual com a sabedoria necessária para impedir, a seu modo, a extensão do evento. Estavam à mercê de si próprios e suas atividades individuais. Desejavam que suas contas estivessem certas, já que os cálculos mostravam que, separados, teriam mais

chances de êxitos. Então, levantaram-se e saíram pela porta com um breve aceno de cabeça entre uns com os outros. Sabiam que não se veriam mais, pelo menos, não naquelas circunstâncias.

Com o corpo voltado para a janela, a garota olhou para o fundo quase vazio do seu copo e vislumbrou o passado e o futuro no presente. Estava em suas mãos lembrar e esquecer da resposta para a questão. Anotou em um papel com letras rápidas usando o lápis que trazia consigo: “Dia 1º de um ano qualquer. Todos os dias serão sempre o mesmo dia”. Amassou rapidamente a folha e a colocou no fundo do minúsculo bolso inútil acima do bolso útil de sua calça *jeans*. Então, terminou o líquido e saiu pela sala, sem saber para onde daria o seu próximo passo.

–

O grupo anterior foram os primeiros professores dos quais o universo teve registro. Chamavam-se de preceptores. Eles faziam parte de um seletor grupo de seres intergalácticos que existiam com o objetivo de propagar o conhecimento das humanidades e inumanidades. Dentre suas tarefas, a mais complexa de todas é a que será relatada no enredo a seguir. Com a habilidade de cálculo, eles haviam projetado que, em pouco tempo, o tecido do universo seria rompido, possibilitando um salto entre dois lugares que não deveriam se encontrar. Duas escolas separadas por milhões de anos-luz de distância. O problema não era geográfico, assim como a toca do coelho. A questão não era necessariamente a confluência de coordenadas, mas o encontro que se daria nelas, com potência de ressignificar o grupo presente naquela sala.

–

Em um sofá carcomido por um visitante noturno com focinho pontudo e bigodes inquietos (seria o gato?), ela, Alice, acordou de um breve suspiro entre uma aula e outra. Se sonhara, não se lembrava. O instante foi tão curto que nem percebera que caíra no sono. Ou foi o excesso de café, imaginou, que começava a brincar com seus sentidos. Ela era uma professora de Artes que, ultimamente, estava tendendo às narrativas ficcionais para compor suas aulas. Tudo lhe servia de inspiração. Até mesmo o cacto de plástico que ficava sobre o

armário de livros empoeirados, na sala dos professores, já fora o protagonista de uma de suas histórias fantásticas para os estudantes do ensino fundamental, com o objetivo de chegar até o desenho de observação. Um grande esforço para encaixar o conteúdo programático no percurso estanque do carcomido livro didático, mas que valera cada segundo.

Sentia uma vontade enorme de voltar para o mundo fantástico da academia. Eis que, ironicamente, olhou para os muitos adesivos de unicórnios que colecionava em sua pasta de atividades recebidas. Unicórnios não existem, nem o mundo fantástico que ela imaginava: o percurso da faculdade fora importante, aprendera muito; sem dúvida, uma bagagem incrível que só o ambiente universitário teria possibilitado, mas que hoje estava distante demais de sua realidade. Sentia que não falavam a mesma língua. Um sopro rebelde falou que ela poderia lhes romper as línguas e torcê-las a seu favor. Mas, agora, tinha uma segunda rodada de aulas no sexto ano e seu cérebro estava ocupado demais para pensar nesse desejo subversivo.

—

Fazia semanas que a sua cabeça latejava. Tinha decidido parar com o açúcar. Não, definitivamente a causa não seria pelo constante zunido no ambiente escolar, muito menos pelos olhos fundos de ler até de madrugada, tendo de acordar cedo no dia seguinte. Era quase um vício, e ter que parar a leitura no meio a deixava ávida por algumas linhas mais. E nisso continuava a batalha diária da professora. As olheiras parceiras eram sua marca registrada, junto da maleta de rodinhas que carregava pelos corredores. Sentia-se uma Hermione com sua bolsa sem fundo.

E hoje não seria diferente: acordou, arrumou o cabelo, colocou o uniforme e foi para a escola.

Era uma quinta-feira, dia favorito da semana desde seu ensino médio, sem nenhuma razão lógica específica.

—

Era uma vez, uma escola como todas as outras. Alice percebeu que as salas e as paredes eram as mesmas. Concordou que a escolha das cores das paredes poderia ser de cores mais claras, sem, no entanto, impor uma forma única. Ela, então, anota esse detalhe para falar com a diretora na próxima oportunidade, pois aquele verde-escuro em nada colabora no aprendizado (que não me ouçam os outros – sim, sabemos quem são os outros).

Assim, Alice começou sua escrita sem impor uma forma de expressão a uma matéria vivida, pois escrever está ao lado do informe, sendo apenas um processo que atravessa o vivível e o vivido, instaurando na escrita uma zona de vizinhança, indiscernível, tal que não seja possível distinguir-se em uma única forma (DELEUZE, 2011, p. 11).

No pátio, barulhos e andanças, como todo intervalo. Grupos aqui, grupos acolá. Espalhados, mas uníssonos. Os professores recebem uma notificação de que não seriam mais permitidos brinquedos que pudessem causar acidentes; entre eles, estava o pião, sendo que as bolinhas de gude entraram na lista por uma iniciativa que tomava em consideração os alunos menores (pois os estudantes andam entrando cada vez mais cedo no ambiente escolar). Hoje, no pátio, ela fingiu que não vira nada e entrou em uma sala onde se encontravam outros professores. Nesse lugar, Alice estava

diante de uma complexidade de tal magnitude que, acredito, teria de tomar algumas decisões a respeito da “figura do professor”: seria o desejo de ensinar, de empreender uma travessia junto a outras idades? Uma figura ética e/ou jurídica? [...] Acatamento, adaptação, indiferença ou rebelião? (SKLIAR, 2019, p. 34).

Enquanto isso, dois professores entravam na sala com os bolsos cheios de bolinhas de gude. Um deles as jogou sobre a mesa, em meio aos objetos do café, feliz com o fato de que aquele seria o último dia daqueles profanos objetos na escola. Inflamado, ele ainda reiterava a necessidade urgente de reconsiderarmos o modo como os intervalos estavam sendo conduzidos, já que os estudantes estavam demorando muito para retomar a concentração nos conteúdos depois do retorno às salas de aula.

O outro professor permanecia quieto, desviando o olhar e tomando breves goles de uma xícara de café, sentado no sofá, longe do burburinho. Ela não resistiu. Sorratamente, sentou-se ao lado dele e aguardou os demais saírem daquele lugar. Por curiosidade, questi-

onou sobre o porquê de seus bolsos estarem com algumas bolinhas de gude, e também pelo fato de ele não as ter deixado na “caixa da censura” (como era chamada). Ainda que risonho, mas contido, ele contou que aquela pequena quantidade era o resto de uma pequena coleção. As demais ele havia perdido, em um acalorado jogo com os estudantes das séries mais avançadas. Confessou também a tristeza de que a memória de infância que ele partilhava com os alunos, até então, não seria mais possível com as novas regras. Concordaram com a cabeça baixa, tentando pensar sobre o quanto a infância poderia ensinar à figura do professor.

A infância poderia ser esse instante da parada, da invenção, da atenção desatenta e da percepção extrema. [...] Infância com esse significado é a inutilidade mais importante da vida e da história: o nascimento com suas reticências, o porvir, o que se abre ao tempo e o perfura com sons impensados, a fantasia no coração e nas primeiras palavras, a atenção que se perde na trilha de formigas ou diante de nuvens... (SKLIAR, 2019, p. 125).

Então, no retorno dos outros professores à sala, ela e seu cúmplice se afastaram rapidamente, como se nada tivesse acontecido. No pátio, o último encontro das duas últimas bolinhas de gude coincidiu com o toque da ponta de ferro do pião de madeira no cimento, e, ao mesmo tempo, o sinal soou. E, nesse instante infinitesimal, as ordens se desfizeram, os horizontes se romperam, e ela estava a vislumbrar uma esquina, como se a infância a tivesse tomado por completo ao abrir o tempo e o perfurar, naquele exato momento. Não era qualquer esquina. Essa esquina era o endereço de outra escola; reconheceu logo de imediato pelo muro, pelas cores e pelo nome imponente na fachada. Mas não era qualquer escola. Ela estava vendo a escola localizada na esquina do universo.

Imaginava-se que o universo não teria esquinas. Ora, por que uma esquina numa imensidão? Ora, por que não? Nessa esquina específica (seja ela única ou não), próximo a uma estrela e distante de outra, na constelação que lhe pertence, estava uma escola. Não cabe aqui citar seu endereço postal, pois as correspondências não seriam recebidas de todo modo. A escola ainda está aprimorando seu serviço de mensagens em busca de melhores contatos, mas ousa esperar que esta escrita as aproxime.

Antes de mergulhar nesse lugar diante dos olhos de nossa protagonista, uso a pausa temporal causada pelo relógio, que ousei dizer durou uns bons minutos, para exercer o pensar enquanto conceito filosófico, a fim de preparar para o que está por vir. Diante dessa perspectiva, tomo o cuidado para não cair na velha falácia de que a grama do vizinho é sempre mais verde, ou o que isso possa significar para a educação: os projetos alheios são tentadores e funcionam de forma tão orquestrada que não se percebe qualquer nota desafinada ou ruptura rítmica. Mas, como foi enfatizado, ao olhar para essa fenda no universo, não compete desejar ambiciosamente o que é distante, mas sim o que está perto em razão desse fortuito evento cósmico ocasionado pela colisão temporal entre o pião, as bolinhas de gude e o soar do sinal.

Em continuidade, tomo o cuidado de manter, desde já, durante o próprio exercício do pensar, um registro atento e disciplinado do que pode vir a acontecer. Atento por reconhecer que os detalhes são de extrema importância em um todo. Disciplinado por considerar que a atenção é um exercício que demanda organização, contiguidade e vivacidade nos registros.

Ainda, em uma última ponderação, permitir-nos-emos viver, seguindo o que Bergson (1978, p. 173) escreveu: “Antes de filosofar, é preciso viver”. Para que os registros neste mundo sejam vivenciados, além de relevantes para a educação em arte; para que se possa, então, ter material para filosofar.

Voltando para nossa protagonista, sem mais demora, ela, estando na fenda, sem se preocupar em como voltar, sabia que, de algum modo, retornaria.

—

Já com os pés na esquina, bem distante do ponto do universo em que ela estava, avista os portões. A escola parecia a mesma, as marcas no piso, nas paredes, os avisos colados perto da Sala da Direção. Tudo igual, porém diferente. Havia uma vibração na matéria que a distinguia daquele lugar.

O sinal para o fim do intervalo acabara de soar, e os estudantes retornavam às salas, seguidos dos professores, carregados com folhas, livros, projetores e dispositivos de escrita. No pátio, havia os remanescentes que escapavam, ou terminavam uma ou outra tarefa intersticial. Até agora, nada parecia demasiado incomum, só a sensação de que algo continuava a refletir diferentemente aos seus olhos, sem que pudesse identificá-lo ainda.

Passou o resto do dia naquele lugar, anotando as semelhanças e diferenças entre esta e outra escola qualquer. O caderno, que matinha no bolso junto de uma caneta, era material de registro escolar antes de vir para cá: ali continham toda e qualquer anotação, reclamação ou ideia que a atravessava durante o dia letivo e que temia esquecer até o fim da jornada de trabalho.

Nunca foi de muita organização, ou pelo menos era o que ela achava. Nesse caderno, as ponderações anteriores serviram de embasamento para pensar sobre onde eu estava agora. Não digo que foi um regime de comparação, longe disso. Foi uma proposição de relação: nada estava tão próximo que não pudesse ser distanciado e afastado, e o mesmo para a antítese.

Continuou sentada no mesmo lugar, invisível aos habitantes escolares. O tempo passa diferentemente para eles; é rápido e voraz. Os segundos estavam cada vez mais preguiçosos. Rabiscando mais e mais, por vezes rápido, em outras pausadamente, para perceber com atenção o ruído que escapa pela porta da sala de aula fechada. Ela não espiou as aulas dos colegas estrangeiros (qualquer termo referente à extraterrestre demarcaria uma diferença territorial que não é o real objeto de interesse ao narrar esta história).

No fim desse primeiro instante, sentiu que chegou a uma possível síntese de alguns tópicos que podem ser aqui escritos para compartilhar a aventura: estar professor, fabulações, acontecimentos e exercícios do pensar. Cada um deles soa diferente, reage diferente à sua presença nesse mundo demarcado pela singular esquina. E são esses os relatos que a trouxeram de volta. Mas como se deu esse retorno, só ao fim deles para elucidar tal acontecimento.

—

Antes mesmo de se surpreender com a capacidade de compreender a língua que os seres dessa escola falavam, Alice ficou ao lado da janela da sala dos professores. Ouvia com atenção o debate acalorado entre dois professores que pareciam filosofar sobre a profissão, em uma espécie de língua menor. Depois de incontáveis minutos, o sinal soou ao fundo, e eles se despediram e retornaram, cada um, para sua sala de aula. Ao ouvir essa conversa, nesse outro lado, desconfiou se eles, conscientemente, teriam uma noção diferenciada entre *ser* professor e *estar* professor. (Embora em outras línguas o verbo seja o mesmo, ou, ainda, seja expresso de formas diferentes, em português existe a possibilidade de ousar com eles.)

Assim, Alice compreendeu *ser* como uma postura passiva e *estar* como uma postura ativa, embora os dois sentidos ocorram de modo paradoxal, ao mesmo tempo, pois o acontecimento é gerado pelo movimento que ocorre entre o momento de *ser* professor para *estar* professor. A velocidade é sempre alcançada no meio entre as duas possibilidades.

Quando Alice nomeia as palavras *ser* professor e *estar* professor, ela marca um ponto: *ser* professor, dentro desse contexto, condiz com uma postura de passividade em relação à prática docente, enquanto *estar* professor pode ser uma posição que ativa a prática docente, para pensá-la como uma diferença a ser produzida pelo acontecimento gerado por questões que afetam essa relação. Nesse caso, a diferença é uma produção em si mesma, “em uma relação do diferente com o diferente, independentemente das formas de representação que as conduzem ao mesmo e as fazem passar pelo negativo” (DELEUZE, 2006, p. 16).

Para que haja acontecimento, é preciso entender que passividade ou impulso ativo não é algo inato ao docente, influenciado que é por carga horária, instituição em que leciona ou por turmas e turnos em que este trabalha. A noção de *ser* e *estar* professor envolve a noção de que o mesmo é afetado por todas aquelas condições que lhe são exteriores ao exercício da docência e que, de algum modo, pode introduzir outras e novas formas docentes, dependendo das forças que operam em formas representativas docentes.

A noção de filosofia enquanto criação de conceitos, mais especificamente do pensar como criação filosófica, ajuda nessa questão. Para pensar, tanto em filosofia quanto na arte ou na ciência, envolve-se um abalo, não sendo, portanto, algo inato ao sujeito que pensa. E é

sobre esse pensar que o *ser* e *estar* professor, neste texto, estão relacionados. A postura de um pensamento como uma noção ativa, não reflexiva (aqui a reflexão está relacionada com o espelho – um reflexo seria a reprodução de uma ideia apresentada).

Talvez, esta proposta esteja mais próxima de um convite criado pelo Chapeleiro Louco e a personagem mais próxima da Lagarta, pois isto é uma fabulação! É um convite para tomar a ficção em sua força política como movimento que possa agir no mundo – em um fabular que se difere da aposta de entender o mundo não como lugar natural da verdade, mas como lugar da pluralidade, tanto da mentira quanto da verdade, pois são também efeitos de escritas e imagens que povoam o mundo na possibilidade de outro real (SCARELLI; ANDRADE, 2016, p. 82).

Desse modo, *ser* e *estar* professor poderiam ser tomados pela potência de criação para (re)inventar-se como docente. Deixa-se claro que não está se negando a noção histórica, cultural e social do professor, muito menos as referências ou a importância do conhecimento na área educacional até hoje fornecido dentro e fora das universidades; pelo contrário, suscita-se a possibilidade de usar esses e outros materiais de forma contextualizada e sob a influência da criação como força motriz para pensar outros modos de *ser* e *estar* docente.

Mas, ora, diria o agitado e impaciente coelho de Lewis Carroll, como fazer disso tudo um texto? Ou, ainda mais, como possibilitar o espaço do pensar sem que seja você o vilão que cria e cuida do espelho que está logo ali assombrando os leitores? Acredita-se ser esse o mais trabalhoso, difícil e talvez inatingível processo nesta proposta: Como mensurar o *ser* ou o *estar* professor? Há platôs estáveis? Para esta conversa, aproximam-se as noções de acontecimento e fabulação já enunciadas acima.

–

Na fenda, que Alice ousava chamar, mas não nomear, o tempo e as formas funcionam de modos diferentes. Ali, sentiu-se como em uma sala de espelhos de um parque de diversões lotado: via-se refletida nos espelhos junto de várias outras pessoas, professores também. Esse reflexo não mudava, sendo estático como uma fotografia panorâmica da sala.

As questões apresentadas nesse espaço, de que se vem falando, são das representações, ou de forma mais clara, os clichês. Deleuze fala acerca das imagens clichês no seu livro *Cinema 2: a imagem-tempo*, em que apresenta o conceito na perspectiva de uma narrativa cinematográfica e de como as imagens estão à mercê de um poder, e, ao mesmo tempo, alerta que toda imagem tende a esse clichê. Sob essa perspectiva, percebe-se que muitos de nós, professores, não nos pertencemos, pois somos um reflexo do outro.

Quando Pereira (2013) apresenta uma estética da professoralidade, ele se refere a como esse professor é “formado” e como as muitas referências estão presentes e reverberam nessa formação. Sobre essa questão, em seu livro, no subcapítulo intitulado “O professor: fábula de um personagem não muito fictício”, ele diz:

Por primeira vez o professor deu-se conta de que podia ser, antes, um propositor. [...] E, ao molde de Deleuze, produzir sua cura: deixar de ser um dador de aulas e construir, pouco a pouco, sua professoralidade. Por primeira vez sentiu-se professor. Aproximava-se daquela imagem do professor que, em vez de propor gestos a serem reproduzidos, emitia sinais a serem desenvolvidos na diferença (estou praticamente citando Deleuze [1988, p. 54]). Em vez de plantar representações, investiga as raízes das repetições (PEREIRA, 2013, p. 206).

Tal imagem permanece presente, instalando uma força potente que rompe com a representação e cultiva outros modos de viver com elas. Sendo assim, Alice deixa em seu caderno de bordo, onde registra esta narrativa, um espaço destinado a outros professores, para que possam compartilhar suas representações arbóreas docentes, no sentido de fazer emergir na superfície outros modos de *ser/estar* professor (DELEUZE; GATTARI, 1995).

REFERÊNCIAS

- BORGES, Jorge Luis. **O aleph**. São Paulo: Companhia das Letras, 2008.
- CARROLL, Lewis. **Alice**: aventuras de Alice no país das maravilhas & através do espelho e o que Alice encontrou por lá. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2010.
- DELEUZE, Gilles. **Cinema 2**: a imagem-tempo. São Paulo: Editora 34, 2018.
- DELEUZE, Gilles. **Conversações**, 1972-1990. São Paulo: Editora 34, 1992.
- DELEUZE, Gilles. **Crítica e clínica**. 2. ed. São Paulo: Editora 34, 2011.
- DELEUZE, Gilles. **Exasperación a la filosofía**. Buenos Aires: Cactus, 2006.
- DELEUZE, Gilles. **Lógica do sentido**. São Paulo: Editora Perspectiva, 2003.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **Mil platôs**: capitalismo e esquizofrenia. São Paulo: Editora 34, 1995.
- DELEUZE, Gilles; GUATTARI, Félix. **O que é a filosofia?** 3. ed. São Paulo: Editora 34, 2010.
- GALLO, Silvio. **Deleuze & a Educação**. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.
- PEREIRA, Marcos Villela. **Estética da professoralidade**: um estudo crítico sobre a formação do professor. Santa Maria: Editora UFSM, 2013.
- SCARELI, Giovana; FERNANDES, Priscila (org.). **O que te move a pesquisar?** Ensaio e experimentações com cinema, educação e cartografia. Porto Alegre: Sulina, 2016.
- SKLIAR, Carlos. **A escuta das diferenças**. Porto Alegre: Mediação, 2019.

NOTAS

-
- 1 Termo apropriado da noção de literatura menor, que “não é a de uma língua menor, mas antes a que uma minoria faz em uma língua maior” (DELEUZE; GUATTARI, 2014, p. 33).
 - 2 Diferentemente do tempo Chronos, Aion “é o instante sem espessura e sem extensão que subdivide cada presente em passado e futuro, em lugar de presentes vastos e espessos que compreendem, uns com relação aos outros, o futuro e o passado” (DELEUZE, 2003, p. 169).
 - 3 *O Aleph* é um conto homônimo do livro de Borges, ao mesmo tempo em que é um ponto abaixo de sua escada, que contém o infinito, “uma pequena esfera furta-cor, de quase intolerável fulgor [...]. O diâmetro do Aleph seria de dois ou três centímetros, mas o espaço cósmico estava aí, sem diminuição de tamanho” (BORGES, 2008, p. 148).